

## **Racismo visual em anúncio do *Emma Awards* 2003/2004: um estudo da representação visual de atores sociais<sup>1</sup>**

Célia Magalhães – UFMG

**Resumo:** Investigações brasileiras sobre racismo visual usando a representação visual de atores sociais ainda são emergentes. Este artigo tem como objetivo preencher esta lacuna, com a proposta de investigar o racismo visual em um evento comunicativo tendo como base a representação visual de atores sociais. O corpus é um anúncio cujo tema foi a celebração de uma Grã-Bretanha multicultural, o qual objetivava promover o prêmio e as listas do festival *Emma Awards*, de multimídia e TV, em 2003/2004. O anúncio foi usado simultaneamente como pôster do evento e como *popcard* do National Westminster, banco inglês. Utilizam-se na análise a gramática do design visual e suas ferramentas de análise – os significados representacional, interativo e composicional – e a representação visual de atores sociais. Alguns dos dados obtidos com a análise indicam que a representação visual de atores sociais tem ferramentas mais eficazes para analisar o racismo visual. A partir dessas ferramentas é possível mostrar que foram usadas estratégias de objetificação na representação do negro africano como elemento da cultura multicultural britânica.

**Palavras-chave:** Análise multimodal, gramática do design visual, representação visual de atores sociais, racismo visual.

**Abstract:** Research on visual racism based on the visual representation of social actors is still in its infancy in Brazil. This paper aims at filling in this gap and investigating visual racism in a communicative event with the help of the visual representation of social actors. The corpus under scrutiny is an ad on the celebration of multicultural Britain used in the advertising campaign of the Emma awards and festival listings for multimedia and TV in 2003/2004. The ad was published as a poster in the event, and as one of the National Westminster billboards and pop cards, the bank being one of the sponsors of the event. The grammar of the visual design and the visual representation of social actors are used as analytical tools. Some of the results confirm the visual representation of social actors as a powerful tool in the investigation of visual racism. The tool helped to show that strategies of Objectification were used to represent the Black African as an ethnic element of multicultural Britain.

**Keywords:** Multimodal analysis, grammar of visual design, visual representation of social actors, visual racism

### **Introdução**

Data da década de noventa meu interesse em investigar representações raciais em textos. Nessa década, minha inserção acadêmica eram os estudos literários e o referido objeto de pesquisa tinha como corpus romances ingleses com representações

---

<sup>1</sup> Este trabalho se insere no projeto CNPq 302454/2007-1, de produtividade em pesquisa.

monstruosas, como *Frankenstein* e *Dracula*, e o romance modernista brasileiro, *Macunaíma*. Esses romances eram abordados a partir de teorias e metodologias de análise pós-coloniais e desconstrucionistas. A partir de 2000, dada a minha inserção em estudos lingüísticos, embora o foco de investigação continuasse o mesmo, os corpora passaram a incluir textos jornalísticos e publicitários, e o aporte teórico passou a ser o de teorias linguísticas como a linguística sistêmico-funcional e outras teorias que usam essa primeira como referencial teórico, porém, aliado a outros. Tais teorias são a análise crítica do discurso e a semiótica social, esta última, tendo como base a gramática do design visual.

Afiliada aos campos de estudo da semiótica social e análise crítica do discurso, neste trabalho investigo a representação visual de atores sociais e possível racismo visual em um anúncio cujo foco é a “celebração do multiculturalismo britânico” usado para promover o prêmio e festival *Emma Awards*, de televisão e multimídia, em 2003/2004 e para divulgar o banco inglês *National Westminster*,.

Dão suporte teórico e metodológico à análise a gramática do design visual (GDV) e a representação visual de atores sociais (RVAS). A investigação, realizada com a intenção de comparar e verificar a eficácia desses dois referenciais na análise do racismo visual, permite observar que a RVAS atendeu mais pontualmente aos objetivos do trabalho indicando que, embora seja feita, no referido anúncio, uma representação de um multiculturalismo que privilegia a diferença, simultaneamente, parecem ter sido usadas estratégias de distanciamento, desempoderamento e objetificação na representação do negro africano como elemento da cultura multicultural britânica.

O artigo está dividido em quatro seções. A primeira faz uma breve revisão de trabalhos relacionados utilizando os referenciais teóricos e metodológicos aqui abordados, a segunda descreve o corpus de pesquisa, a terceira faz breve referência à metodologia de análise da GDV, a quarta apresenta uma análise e discussão do anúncio com base nessa gramática, a quinta descreve a metodologia de análise da RVAS, a sexta analisa e discute o corpus com base na representação visual de atores sociais e, finalmente, a última tece considerações sobre as duas análises, defendendo a última como mais produtiva para a análise de representações raciais.

## **Revisão da teoria**

A GDV foi desenvolvida nos anos noventa (cf: Kress; van Leeuwen 1996/2001) tendo como uma das teorias de base a linguística sistêmico-funcional (LSF). É da LSF que a GDV toma emprestado as noções de linguagem como sistema de escolhas que oferece recursos para cumprirmos determinadas funções comunicativas na instanciação da linguagem em contextos específicos, de situação, e em contextos de cultura. Para adequar a noção das metafunções à linguagem visual, os autores criaram a noção de linguagem como produtora de significados representacionais, interativos e composicionais (equivalentes às funções experiencial, interpessoal e textual da linguagem, respectivamente). Cada significado pode ser realizado por meio de escolhas feitas a partir de redes de sistemas: a rede do sistema de significados representacionais compreende os sistemas das estruturas narrativas e conceituais; a rede do sistema de significados interativos compreende os sistemas de Ato de imagem, Distância social e Atitude e a rede do sistema de significados da composição compreende os sistemas de Valor da informação, Saliência e Enquadre. Os significados interativos ainda compreendem a modalidade, realizada por meio de escolhas de cores e de recursos tipográficos na composição do significado visual. São vários os trabalhos aos quais o leitor pode se referir para mais detalhes sobre a teoria, dos quais citaremos, além de Kress; van Leeuwen (1996/2001), O'Toole (1994), Kress; van Leeuwen (2001), van Leeuwen; Jewitt (2001), Kress; van Leeuwen (2002), van Leeuwen (2005), van Leeuwen (2006) e Mackin (2007).

A teoria de representação de atores sociais (RAS) foi desenvolvida por Theo van Leeuwen, também na década de noventa, como parte de sua tese de doutorado. Em 1996, o autor publicou *Representation of social actors* (cf: Caldas-Coulthard; Coulthard 1996) onde apresenta um inventário sócio-semântico, por meio de rede de sistemas, de categorias pan-semióticas para representar pessoas nos textos. Não se trata, como explica o autor, de categorias criadas com base em realizações linguísticas, pois o significado da linguagem, para ele, está relacionado à cultura. Para van Leeuwen (1996), nem sempre a realização linguística corresponde à representação do papel social de atores em textos. No entanto, o autor procura observar, em seu corpus, os tipos de realizações linguísticas relativas a cada categoria sócio-semântica criada por ele. O autor publica, mais tarde, uma adaptação dessa teoria para a análise de recursos visuais usados para representar pessoas em textos multimodais (cf: Reisiigl; Wodak 2000).

Ambos os textos, juntamente com outras contribuições do autor para o campo de estudos da análise crítica do discurso são utilizados em 2005, como introdução didática à semiótica social, e reeditados 2008, como coletânea de textos (cf: van Leeuwen 2005; van Leeuwen 2008).

O ponto de partida do artigo sobre a representação visual de atores sociais (RVAT) é uma referência a Berger (1972) em que van Leeuwen (2008: 136) postula:

*Em muitos contextos de comunicação a divisão de trabalho entre palavra e imagem é mais ou menos assim: as palavras fornecem os fatos, as explicações, as coisas que precisam “ser ditas em tantas palavras”; as imagens fornecem as interpretações, os ângulos coloridos ideologicamente – e elas o fazem não explicitamente, mas por sugestão, por conotação, por apelação ao conhecimento não muito consciente, meio esquecido.*

Se o significado do visual pode ser mais facilmente negado ou desconsiderado, o autor reflete que isso deve se expandir para o racismo comunicado visualmente. Van Leeuwen (2008: 137) acrescenta que

*Se as imagens parecem mostrar “o que é” precisamos mostrar que elas podem não ser sempre assim. Se as imagens parecem apenas aludir a coisas e nunca dizê-las explicitamente, precisamos tornar essas alusões explícitas.*

Usando principalmente imagens de livros didáticos como ponto de partida para investigação, o autor se faz duas perguntas: “Como as pessoas são representadas?” e “Como as pessoas representadas se relacionam com o observador?” Para respondê-las, o autor cria duas redes de sistemas.

A primeira rede, de sistemas de representação visual de atores sociais, tem como ponto de partida para escolha a Exclusão (a não representação de pessoas em contextos onde na realidade elas estão presentes) e a Inclusão, categoria que pode gerar três tipos de subsistemas: Envolvidos como Pacientes ou Agentes em ações, muitas vezes, avaliadas como de baixa estima ou desvios ou, ainda, como subservientes, criminosas ou ruins; incluídos de modo Específico ou Genérico, muitas vezes, por Categorização cultural com conotação negativa, ou por Categorização biológica que implica o uso de estereótipos raciais; por fim, incluídos como Indivíduo ou como Grupo, no segundo caso, por Diferenciação ou Homogeneização, o que pode resultar em negação às pessoas de suas características e diferenças individuais e consequente atribuição a elas de uma única identidade, como exemplificado verbalmente na oração “são todos iguais”.

A segunda rede, de relação entre representação e observador, é baseada em Kress; van Leeuwen (1996/2001) e apresenta os sistemas de Distância, Relação e Interação entre participantes representados e observador, equivalentes aos sistemas de Distância social, Atitude e Contato, ou Ato de imagem, da GDV. Van Leeuwen observa que as estratégias para representar a relação entre as pessoas retratadas na imagem e o observador podem ser de distanciamento, desempoderamento e objetificação. Voltarei a esses sistemas na quarta seção deste artigo.

Os trabalhos brasileiros examinando a representação verbal ou visual de atores sociais quase todos, até onde eu sei, são resultados do projeto de investigação intitulado *Corpu(o)s híbrido(s): identidades raciais em tradução*, desenvolvido por mim a partir de 2003. Tendo como objeto as representações verbais, podem ser citados Magalhães (2004, 2006), sobre o papel das relações coesivas nas representações raciais em textos de jornal brasileiro e a estetização<sup>2</sup> dessas representações por meio da cor da pele; Caetano (2007) e Assis (2009), teses orientadas por mim que investigaram, a primeira as colocações e relações coesivas nas representações do preconceito e discriminação racial em jornal brasileiro, confirmando o discurso de estetização da raça em um corpus ampliado do mesmo jornal brasileiro, e a segunda a representação de africanos e europeus em *Heart of Darkness* e duas de suas traduções brasileiras; Fernandes (2009), dissertação defendida na UFSC e orientada por Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos e por mim, sobre representações do mestiço em *Black into White* e a tradução brasileira *Preto no Branco*, que aponta para uma ideologia racista na escolha dessas representações na tradução; Pinheiro; Magalhães (2006), sobre a representação de atores sociais nas chamadas de capas da *Revista Raça Brasil*; Assis; Magalhães (2006) e Magalhães; Assis (no prelo), cada um abordando aspectos distintos da representação de africanos e europeus como atores sociais em *Heart of Darkness* e traduções brasileiras, e Magalhães (2008), sobre discurso, raça e preconceito em reportagem de jornal mineiro.

Tendo como objeto as representações visuais de identidades raciais, podem ser citados Pinheiro (2007), dissertação orientada por mim sobre as representações de

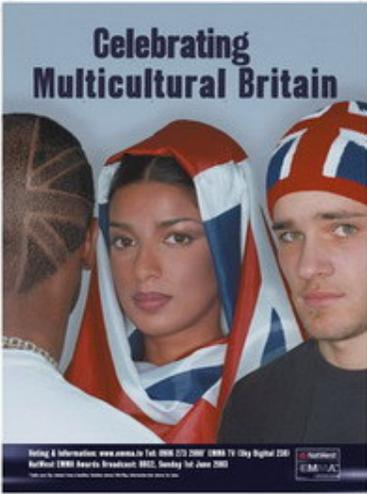
---

<sup>2</sup> Minha tradução inicial do termo *aestheticisation* como *estetização* é aqui reformulada para *estetização*.

identidade nas capas da *Revista Raça Brasil* e Magalhães, que confirmou a estetização da raça por meio da cor da pele neste corpus; Magalhães; Novodvorski (no prelo), sobre representações de identidade nas capas de *Amanhecer Esmeralda*, de Férrez e de *Felicidade não tem cor*, de Júlio Braz. Esses trabalhos usaram a GDV como base, a qual se mostrou eficaz para uma interpretação dos significados do layout das citadas capas. Para o presente trabalho, entretanto, a proposta é analisar o anúncio usando a GDV e a RVAS, de modo a verificar se uma destas metodologias seria mais eficiente para o propósito de explicitar o que está “borrado” visualmente quando se trata de racismo. A próxima seção é, portanto, uma análise do cartão, aplicando-se as redes de sistemas dos significados representacional, interativo e composicional, da GDV.

### Imagens do multiculturalismo britânico

O Quadro 1 apresenta duas imagens usadas na divulgação do Emma Awards de 2003/2004. O quadro mostra, ademais, como o tema do anúncio é divulgado em página da Internet:

	<p>These two ad campaigns were designed to promote the EMMA Awards and The EMMA festival listings.</p> <p>The design made use of the Union Jack flag to reflect the multiculturalism of the British Isles.</p> <p>The lack of a Football shirt for the United Kingdom flag lays the suggestion of the need for a national identity involving the whole populace.</p>
<p>ethnic minorities, and pushes the idea that all cultures should exist under one banner.</p>	
<p>The adverts were also used as the front covers of the EMMA Awards ceremony presentation magazines in 2003 and 2004.</p>	

Quadro 1 – Celebração da Grã-Bretanha multicultural<sup>3</sup>

Fonte: [http://www.emmainteractive.com/index.php?option=com\\_content&task=view&id=170&Itemid=224](http://www.emmainteractive.com/index.php?option=com_content&task=view&id=170&Itemid=224). Acesso em 26/07/09

A análise se concentrará na imagem da esquerda, divulgada também em um *popcard* do banco *National Westminster* e em pôsteres afixados nos conhecidos “tubes” (buracos de metrô) londrinos. Esta imagem, apresentada abaixo na Fig. 1, foi fotografada por uma amiga em um destes “tubes”, numa das inúmeras estações de metrô de Londres, em 2004, pelo efeito de empatia que essa amiga revelou ter causado nela o anúncio. Curiosamente, um ano mais tarde, em 2005, na estação de Stockwell, também em um desses “tubes”, o brasileiro Jean Charles de Menezes foi assassinado pela polícia inglesa. Como não tinha traços arianos, foi confundido com terroristas árabes os quais, algumas semanas antes, haviam atacado a bombas uma das estações do metrô. Esses fatos motivaram a inclusão do anúncio, bem como de reportagens de jornal impresso e de TV e um documentário sobre o referido assassinato, divulgados no Brasil e/ou na Inglaterra, no corpus do referido projeto sobre identidades raciais.

---

<sup>3</sup> Tradução: Estas duas campanhas publicitárias foram produzidas para promover os prêmios e as listas do festival Emma. O design fez uso da bandeira britânica (*Union Jack*) para refletir o multiculturalismo das ilhas britânicas. A falta de uma camisa de futebol e o uso da bandeira sugere a necessidade de uma identidade nacional envolvendo toda a população. O design focaliza os rótulos e títulos diferentes dados às minorias étnicas e introduz a idéia que todas as culturas devam existir sob uma bandeira. Os anúncios foram usados também como capas das revistas de apresentação da cerimônia do Emma em 2003 e 2004.

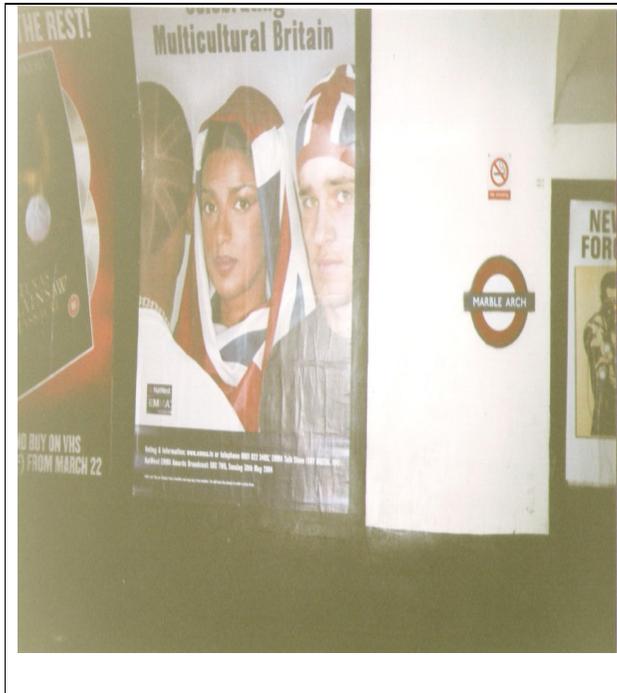


Fig. 1 – Fotografia do “tube” londrino, de 2004.

### **Metodologia de análise conforme a GDV: redes de sistemas**

Para as redes de sistemas e subsistemas da GDV, remeto o leitor a Kress; van Leeuwen (1996/2001), Kress; van Leeuwen; Leite-Garcia (1997); Oyama; Jewitt (2001) e a trabalhos do grupo de pesquisa aqui referido, tais como Pinheiro (2007) e Magalhães; Novodvorski (no prelo).

### **Análise e discussão de Celebrating Multicultural Britain, de acordo com a GDV**

Quanto aos significados Representacionais, a escolha parece recair sobre as estruturas Conceituais. Pode-se dizer que há um processo Classificatório de taxonomia fechada: os participantes representados são britânicos, pois dois usam como peça de seu vestuário a *Union Jack* e um a usa como penteado e se resgata a mensagem do cartão que estão celebrando a Grã-Bretanha multicultural. Também se pode pensar em um processo Analítico, pois todos têm traços físicos como cor da pele e dos olhos, tipo de cabelo, etc. (partes, Atributos Possessivos), além de marcas na cabeça e peças de vestuário que remetem a etnias diferentes, a negra africana, a negra asiática e a branca

européia<sup>4</sup> (todo, Portador). Com relação à metafunção experiencial trata-se de uma ação Material (que também poderia ser interpretada como nominalização, o que levaria à exclusão, pelo menos, parcial dos Atores do processo – quem celebra a multiculturalidade?) com uma Meta, ou participante Afetado, a Grã-Bretanha multicultural.

Quanto aos significados Interativos, analiso em primeiro lugar o sistema de Contato, ou Ato de imagem. A participante negra asiática e o participante branco europeu demandam algo do observador, talvez uma identificação com sua etnia como parte da Grã-Bretanha multicultural. O participante negro africano está representado como Oferta, como objeto passivo de escrutínio do observador, mas não só isso, ele dá as costas para o fotógrafo e o observador. O objetivo é mostrar o penteado com a marca da bandeira em seu couro cabeludo, assunto ao qual retornarei mais tarde. A teoria, entretanto, chama a atenção para o fato que escolhas de representação de participantes de costas podem construir um distanciamento e passividade maiores na relação de interação. Quanto ao segundo sistema, o de Distância social, pode-se dizer que a relação entre os dois participantes que demandam e o observador é de distância Íntima, pois são representados por um enquadramento que os mostra apenas um pouco abaixo dos ombros. Não se pode dizer o mesmo com relação ao participante Oferta, pelos motivos já referidos anteriormente. Quanto ao sistema de Atitude, no plano horizontal pode-se dizer que a Atitude é de Subjetividade, já que o ângulo da tomada é frontal em relação aos participantes do centro e da direita. Há Envolvimento entre estes participantes e o observador. O participante da esquerda também é representado em ângulo frontal. Embora a Atitude de Objetividade seja escolha quase específica das representações da ciência, a tomada do referido participante em Ângulo frontal, diferente da tomada dos demais participantes, o representa como objeto, o que está de acordo com sua representação como Oferta, bem como com a marca da bandeira que recebe em seu corpo, especificamente, a cabeça. Ainda no sistema de Atitude, no plano vertical a relação de poder entre os participantes do centro e da direita e o observador é de Igualdade. Não se pode dizer o mesmo em relação ao participante da esquerda, pois este

---

<sup>4</sup> Os rótulos são aqui usados, com conhecimento da diversidade de etnias africanas/indianas/européias e do perigo da essencialização que podem veicular, por motivos práticos, de necessidade de síntese. Também se usam termos compostos de identificação étnica usada em formulários de imigração na Inglaterra.

sistema está calcado no olhar dos participantes, desconhecido quando se trata deste participante específico. Não parece ser produtiva a análise da função interpessoal, por se tratar de trecho de oração.

Em relação à Modalidade, pode-se dizer muito pouco com relação aos marcadores Contexto, Representação e Profundidade. Numa escala de máximo uso e quase ausência desses marcadores, o pêndulo iria para a quase ausência de sua exploração. Já sobre a Cor, são usadas as cores simples, saturadas, azul e vermelho, da bandeira; são usadas, ainda, as cores branca (da bandeira e da camiseta do negro africano) e preta (da mensagem verbal e da camiseta do branco europeu), construindo um contraste interessante e ao revés. Não é usada, portanto, uma paleta muito variada de cores. Quanto à Iluminação e Brilho, parecem restringir-se a incidir sobre a participante central que, ademais, está ligeiramente em segundo plano, com a bandeira cobrindo sua cabeça e toda a parte retratada do seu corpo.

Quanto ao significado da Composição, começando pelo sistema de Valor da Informação, pode-se dizer que há prolongamento horizontal e, portanto, estrutura de Dado-Novo em oposição (note-se a cor da camiseta de cada um, gerando um contraste interessante, pois ao revés). Entretanto, há um trítico horizontal, o negro africano é o Dado do multiculturalismo e o branco europeu é o Novo neste contexto, e ambos são mediados pela negra asiática; reitera-se, em segundo plano, portando a bandeira como um véu longo, o que pode remeter à figura de uma Madonna, representando a mediação por meio da religiosidade. Pode-se dizer, também, que há certo prolongamento vertical que coloca o verbal e a imagem em ligeira oposição: a celebração da Grã-Bretanha multicultural é a essência da mensagem, generalizada, o que “poderia ser”. A existência de diversidade étnica é o elemento prático, detalhado na imagem, juntamente com o logo e informações práticas do banco que promove a campanha. Quanto ao sistema de Saliência, o fato de estar a indiana em segundo plano, quase toda coberta pela bandeira o que dá destaque às cores desta, com luz e brilho incidindo sobre ela a tornam um dos elementos salientes da fotografia. Mas o fato de estar o negro de costas também chama imediatamente a atenção, pelo contraste que estabelece com os demais participantes e pelo corte de cabelo, marcado pela bandeira. Quanto ao sistema de Enquadre, as linhas dos corpos dos participantes Dado e Novo, bem como as cores de suas camisetas, os dissociam aparentemente. Já a participante central, cujo corpo não tem a mesma linha

de enquadre devido à bandeira que o cobre, parece constituir um elemento de associação entre os dois participantes polarizados e entre eles e ela própria (poderíamos nos perguntar se seria ela ou a bandeira o elemento de associação). As cores das camisetas, opostas à cor da pele dos participantes da esquerda e da direita, também parecem servir como elemento de associação entre os dois e do último com a mensagem do cartão. A repetição da bandeira constitui rima visual que associa os três participantes enquanto a repetição da cor preta constitui rima visual que associa a mensagem do cartão ao participante novo da cultura. Também não parece produtiva a análise da função textual do título da campanha pelos motivos apontados acima.

Pode-se tentar uma síntese da análise feita com base na GDV. O que ela parece mostrar é que se pode depreender um construto social na imagem: os participantes representados são de etnias diferentes, mas usam a bandeira em seu corpo, como marca ou como peça de vestuário, para celebrar sua identidade britânica. Contudo, não está explícito quem celebra essa identidade, pois os participantes não estão explicitamente incluídos na ação de celebrar. Dois deles demandam identificação do observador, enquanto o terceiro é apresentado, tanto como britânico quanto como negro africano, como objeto passivo, de escrutínio do observador. Dois deles parecem ter uma relação íntima com o observador. Não se pode dizer o mesmo do terceiro, o negro africano que está de costas para privilegiar a exibição da marca da bandeira em sua cabeça como penteado. Dois dos participantes estão em atitude de envolvimento com o observador, e sua relação de poder com o observador é de igualdade. O terceiro, o negro africano, é apresentado numa relação de atitude objetiva, como objeto de escrutínio, e não se pode dizer muito sobre relação de poder, de acordo com as categorias da GDV, devido ao fato de estar de costas. O negro africano é o elemento familiar, conhecido do multiculturalismo britânico e o branco europeu é o elemento novo, desconhecido, ao qual se deve prestar mais atenção, pois pode se tratar da instituição de um novo paradigma na cultura. Estão mediados pela negra asiática. A celebração do multiculturalismo é uma informação generalizada, essencial, o que a Grã-Bretanha “deveria ser”. Os três participantes, de identidade étnica distinta, juntamente com o Banco, onde provavelmente a maioria dos britânicos movimenta suas contas, são as informações práticas, detalhadas, o que a Grã-Bretanha “é”. Os elementos mais salientes da imagem são o participante da esquerda, por dar as costas ao observador,

apresentando a marca da bandeira em sua cabeça, e a participante central, mulher, retratada em segundo plano, plano diferente dos dois outros participantes, homens, como mediadora e elemento de associação entre os dois, provável Madonna, ou elemento místico religioso da cultura. A bandeira e as cores das camisas dos participantes da esquerda e direita também são elementos de associação do multiculturalismo.

Enfim, as ferramentas da GDV ajudam na percepção de que há certa tensão na construção do significado de celebração do multiculturalismo britânico, especialmente em relação ao elemento simultaneamente familiar e estranho da cultura o qual é retratado de costas com a marca da bandeira em seu corpo, não demandando identificação do observador (ou poderíamos nos perguntar se haveria uma identificação pela marca no corpo). Há tensão, ainda, em relação ao elemento desconhecido desta cultura multicultural que simultaneamente parece se associar mais de perto à celebração da referida cultura. A identificação com o elemento místico religioso na figura da indiana também é uma interpretação possível sinalizando para uma minimização dessa tensão. Resta saber se as ferramentas da RVAS são capazes de oferecer mais elementos sobre esse elemento ambíguo do multiculturalismo britânico.

### **Metodologia de análise conforme RVAS: redes de sistemas**

Antes de apresentar a metodologia de análise proposta, é importante retomar as perguntas feitas por van Leeuwen (2007) sobre o racismo visual: “Como as pessoas são representadas?” e “Como as pessoas representadas se relacionam com o observador?”. A partir destas perguntas o autor cria duas redes de sistemas de significados que podem ser escolhidos na instanciação de mensagens visuais. As categorias desses sistemas foram apresentadas na primeira seção deste artigo; apresentam-se, nesta seção, as redes de sistemas, a título de reiteração e de ponto de partida para a análise dos significados da mensagem usada na campanha do *Emma Awards* em 2003/2004. As Figuras 2 e 3, abaixo, mostram as redes de significados possíveis para representar pessoas visualmente e para representar relações de pessoas retratadas com o observador. Essas redes, com seus sistemas e subsistemas constituem as categorias a serem usadas na análise proposta.

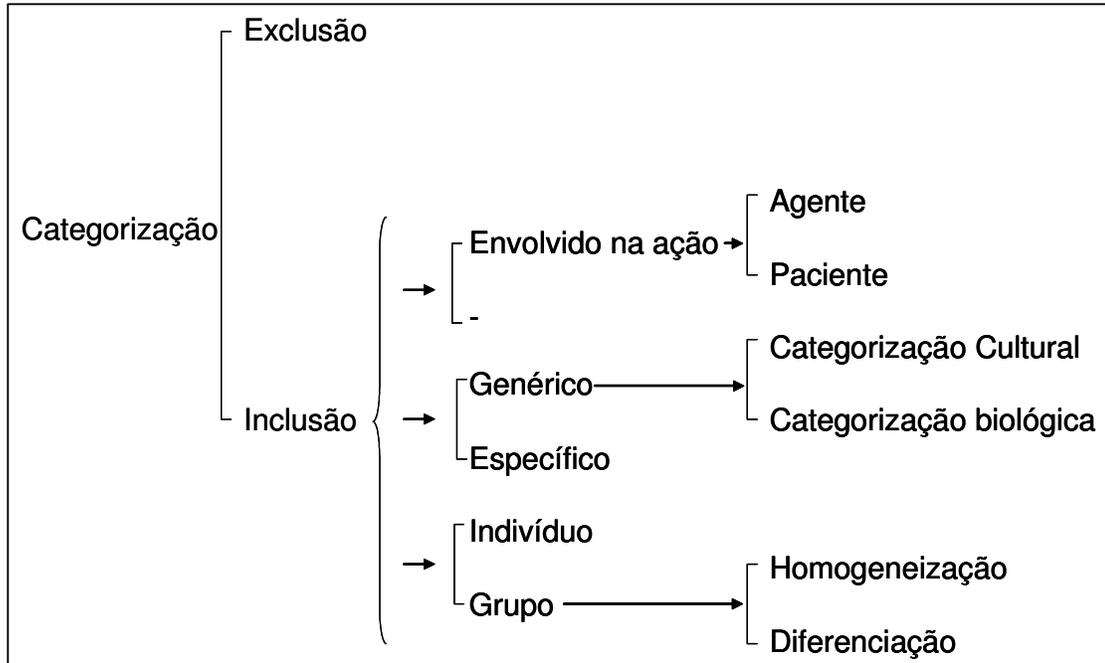


Figura 1 – Rede de sistemas de representação visual de Atores Sociais

Fonte: van Leeuwen (2007: 147); tradução da autora deste artigo.

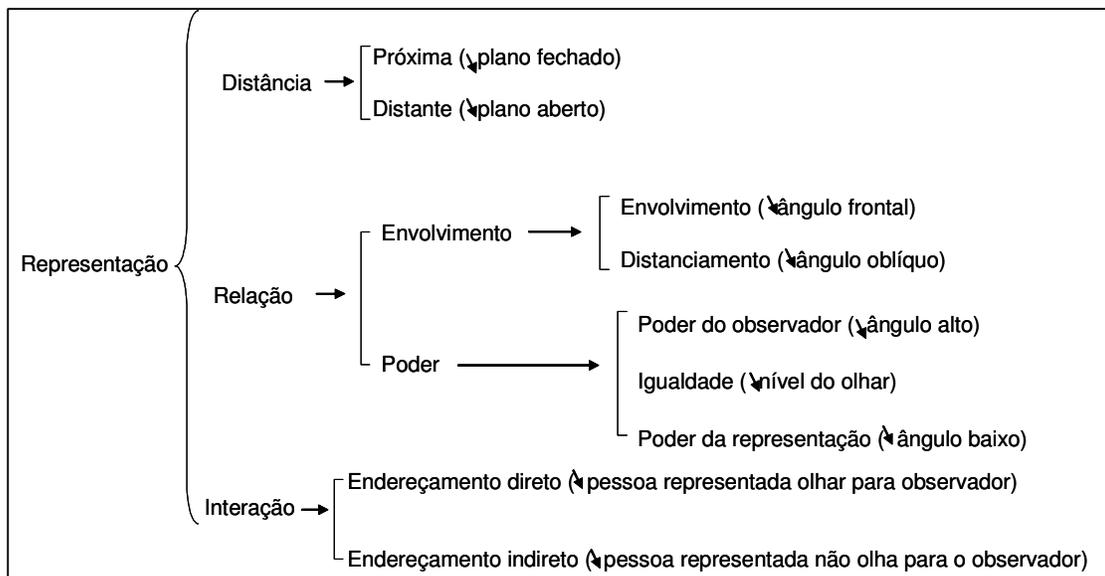


Figura 2 – Rede de sistemas de sistemas de relação entre Atores Sociais e observador.

Fonte: van Leeuwen (2007: 141); tradução da autora do artigo.

### **Análise e discussão do anúncio, de acordo com a RVAS**

Passando à análise do anúncio segundo a RVAS, aplicam-se, em primeiro lugar, as redes de sistemas de representação de Atores Sociais. Os três Atores são incluídos visualmente, embora verbalmente tenhamos certo Encobrimento desses Atores da ação *Celebrating Multicultural Britain* (na tradução em português, teríamos de fazer escolha por processo ou nominalização – *celebrando, celebração* – a primeira escolha reduzindo o Encobrimento). Visualmente não poderíamos dizer que são Agentes da ação de *celebrar*, pois não há *inclinação* e, portanto, *vetores* que sinalizem ações. Sua Inclusão é, simultaneamente, Genérica e Específica. Genérica porque há Categorização cultural dos Atores como britânicos, retratados que são usando peças do vestuário ou marca com a imagem da *Union Jack*. Há também Categorização biológica, por meio dos próprios traços físicos de pertença a cada etnia, mas não do tipo que os retratem como desvios. Fica uma interrogação com relação à marca da bandeira na cabeça do Ator social negro africano: esse tipo de marca no corpo poderia ser interpretada como uma representação estereotipada de um costume como tribal (com as conotações que se podem depreender da palavra em corpora<sup>5</sup>)? Portanto, poderia se fazer uma interpretação de Categorização dos Atores sociais como Específica ao mesmo tempo que Genérica, com a ressalva que a Categorização do negro africano ou seria apenas Específica, o que o excluiria do grupo genérico, ou seria uma Categorização cultural depreciativa, o que, do mesmo modo, o excluiria do grupo. Já a Categorização da negra asiática com um sentido de misticismo religioso parece excluí-la do grupo genérico, mas não do específico, uma vez que não parece tratar-se de uma Categorização depreciativa. Por fim, os Atores sociais são representados como Indivíduos ou como Grupo? Se são representados como Grupo, a estratégia é de Homogeneização ou de Diferenciação? Parece-me que aqui se pode trilhar caminho semelhante para se tentar chegar a uma interpretação: parece haver uma tentativa de representar os Atores simultaneamente como Indivíduos e como Grupo (a bandeira que portam ou que lhes marca) usando uma estratégia de Diferenciação mais que Homogeneização. O modo diferente de portar a bandeira, aliado a características físicas distintas dos Atores mostra que são distintos e não “todos iguais”. De novo, cabe uma ressalva com relação à estratégia de representação como Grupo: será que de fato funciona para a inclusão do negro africano, dado o modo bastante distinto de porte da

---

<sup>5</sup> Para um estudo das conotações de *tribal* em corpora de língua inglesa, ver Krishnamurthy 1996.

bandeira e da representação do Ator de costas para o observador para mostrar que porta a *Union Jack*? Pode-se argumentar que, da mesma forma que a Exclusão, a Inclusão de um Ator Social de costas pode criar o anonimato, ou certo apagamento do papel deste participante (Mackin 2007). Já a Inclusão de um Ator social marcado no corpo, pode criar um sentido de objetificação, categoria do sistema de relações entre Atores Sociais e observadores.

Quanto à rede de significados da relação entre Atores Sociais e observador, inicia-se a análise pelo sistema de Distância. A tomada foi feita em plano fechado, portanto os Atores são apresentados em relação de intimidade com o observador, excetuando-se a relação com o Ator social negro africano da qual, pode-se perguntar, “Que intimidade é construída com alguém que lhe dá as costas? A estratégia, portanto, para este participante é de Distanciamento. Levando em consideração o sistema de Relação, examinam-se os subsistemas de Envolvimento e Poder. Em relação ao primeiro, os Atores do centro e da direita foram retratados em ângulo frontal, criando Envolvimento entre eles e o observador. O Ator da esquerda foi retratado em ângulo também frontal, mas não se cria Envolvimento deste com o observador, pois o primeiro dá as costas ao segundo. Portanto, trata-se de reforço do Distanciamento do Ator, retratado como objeto de escrutínio do observador, como distante do seu mundo e estranho. Em relação ao segundo, os Atores do centro e da direita são retratados em ângulo do nível do olhar do observador, portanto, em relação de Igualdade com este. Já com o Ator da esquerda, como foi retratado de costas, não se pode falar de ângulos alto, baixo ou no nível do olhar, portanto, não se aplicam as categorias de Relação de Igualdade, Poder do Ator representado ou Poder do observador. Pode-se dizer que a estratégia é de total Desempoderamento deste Ator em relação a quem o observa. Considerando-se o terceiro e último subsistema, o de Interação, os Atores do centro e da direita olham para o observador, interagindo diretamente com ele, talvez, a respeito do tema da campanha, solicitando ao observador que celebre junto com eles a Grã-Bretanha multicultural. O Ator da esquerda não olha para o observador e, parece não haver nem interação indireta, pois não está em questão o sistema do olhar. A estratégia parece ser de Objetificação, de não representação do Ator como sujeito que endereça seu olhar ao observador para interagir simbolicamente com ele por meio do olhar. A marca no corpo reforça a não interação, ou melhor, de uma interação com um objeto

que pode ser a marca registrada de seu senhor. Note-se que a categoria de Objetificação pode ser estendida para contemplar casos como este, de representação de um Ator social de costas para exibir-se como objeto, marcado para mostrar pertença.

Enfim, pode-se tentar uma síntese do que se obteve com a análise baseada na RVAS. Os Atores não estão envolvidos na ação de celebração do multiculturalismo britânico; eles são representados como genéricos e específicos, simultaneamente, o que os torna homogêneos, mas com certa diferença entre si. Estão também representados como próximos, em relação de intimidade com o observador; entretanto, tal proximidade é rompida quando se trata do Ator da esquerda que, embora retratado em plano fechado, está de costas para o observador. A relação entre o Ator do centro e da direita e o observador é de envolvimento e ambos estão em relação de igualdade de poder. A relação entre o Ator da esquerda e o observador, entretanto, não pode ser considerada de envolvimento, pois, apesar de ser tomada em ângulo frontal, há efeito de distanciamento por ter sido retratado de costas. A estratégia de representação é, nos termos de van Leeuwen, de distanciamento com relação a este participante. Também não se pode falar de relação de poder, já que não se pode depreender explicitamente o ângulo em que foi retratado este participante. A estratégia se aproxima, pois, do que van Leeuwen denomina de desempoderamento em relação a este Ator. Pode-se dizer que há interação direta entre os participantes do centro e direita e o observador, pois o vetor do olhar dos primeiros se dirige ao último. E, ao contrário, pode-se dizer que não há nem interação indireta entre o participante da esquerda e o observador já que não podemos afirmar qualquer coisa sobre seu olhar, uma vez que este não é retratado, impedindo a observação de vetor. A estratégia, nos termos de van Leeuwen, é de objetificação deste participante e, portanto, de certa desumanização deste, reforçada pela marca de pertença no corpo.

Observe-se que o conceito de *estratégia* de representação é usado pelo autor na proposição deste referencial. Este conceito é possivelmente o que diferencia o tipo de análise proposta pela RVAS daquele proposto pela GDV. Voltarei a este ponto nas considerações finais.

### **Considerações finais**

Faz-se necessário, antes de partir para as considerações finais deste artigo, representar as duas sínteses feitas a partir dos dois referenciais usados na análise do anúncio em contraste, conforme Quadro 2, abaixo:

Resultados da análise cf. GDV	Resultados da análise cf. RVAS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Representação de construto social na imagem: os participantes representados são britânicos de etnias diferentes.</li> <li>• Duas das etnias são Demanda; têm relação íntima e de igualdade com o observador, estando envolvidas com ele; uma é Oferta, não estabelece qualquer tipo de relação com o observador e está distanciada dele.</li> <li>• A etnia negra africana é a conhecida e a etnia branca européia é a desconhecida do multiculturalismo, ambas são mediadas pela etnia negra asiática. A celebração do multiculturalismo é uma informação generalizada; as etnias são as informações práticas. As etnias negras africana e asiática são as mais salientes da imagem; essas etnias estão associadas especialmente pelas cores da bandeira e pelas cores das camisetas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os atores são incluídos de modo genérico, como britânicos, mas a estratégia é Diferenciação mais que Homogeneização das etnias, salientada em relação ao negro africano. Sua categorização cultural é depreciativa uma vez que reforça as estratégias de objetificação e desempoderamento desta etnia: trazem a marca da cultura no corpo, são dela objetos de domínio.</li> <li>• As etnias, exceto a negra africana, são representadas em relação de intimidade, envolvimento e de igualdade de poder com o observador. A estratégia de representação do negro africano aproxima-se do distanciamento e desempoderamento. Há interação direta entre as etnias negra asiática e branca européia e o observador, enquanto não há interação entre este e a etnia negra africana. A estratégia aproxima-se da objetificação desta etnia.</li> </ul>

Quadro 2 – Síntese comparativa dos resultados da análise

Como mostra o Quadro 2, a diferença é sutil, mas existe. Enquanto o primeiro referencial teórico permite observar um construto social simultâneo de classificação (britânica) e análise (multicultural, étnica) do multiculturalismo britânico, o segundo permite observar nessa classificação e análise uma *estratégia* de construção simultânea de generalização e especificação, com estratégia consequente de homogeneização e diferenciação das identidades. Permite, ainda, a interpretação da representação do negro,

de costas e com o corpo marcado pela bandeira, como uma estratégia de diferenciação depreciativa que influencia a estratégia de interação com o observador.

Com relação à interação, o primeiro referencial permite observar a representação diferente do negro como oferta, a impossibilidade de se dizer qualquer coisa sobre a relação de poder entre ele e o observador, e a inferir que a atitude do primeiro em relação ao último é a de um objeto de escrutínio. Já o segundo referencial permite observar que a interação parece ter sido construída a partir, novamente, de *estratégias*, de desempoderamento e de objetificação da etnia negra africana no multiculturalismo britânico.

O primeiro referencial tem duas ferramentas a mais, a modalidade e a composição visual. Esta última permite observar a saliência de duas das etnias, a asiática – por ter o corpo encoberto pela bandeira, ser mulher e estar em segundo plano – e a africana – por estar de costas exibindo a marca da bandeira no corpo. Esta saliência ajuda a reforçar os argumentos em torno da estratégia da objetificação e da mistificação das etnias representadas. A observação de estratégias na representação, permitida com o uso das ferramentas da RVAS, leva o foco para o processo de produção do anúncio, os discursos que o permeiam e os produtores, participantes interativos, o outro lado da interação na comunicação multimodal. Esse foco parece ficar mais apagado quando se utilizam as ferramentas da GDV.

Dois pontos devem ser levantados, a guisa de conclusão. O primeiro diz respeito ao fato que não dediquei uma seção deste trabalho a uma contextualização do multiculturalismo britânico. A idéia foi usar, antes de remeter a estudos sobre as relações multiculturais britânicas, as ferramentas dos suportes teóricos estudados para testar sua eficácia em sinalizar para tais relações. O segundo está relacionado com o fato que não analisei aqui o segundo anúncio da celebração do multiculturalismo britânico, usado na divulgação do *Emma Awards* de 2003-2004. O anúncio se intitula *Emma United!* (Emma, unidos!), remetendo a nomes de times de futebol, como em Manchester United. Ele apresenta quatro meninos, três brancos vestidos com camisas de times de futebol e com os rostos pintados com a bandeira destes times, e um negro sem camisa e com a bandeira britânica pintada em seu rosto. Não foi objetivo analisá-lo, dado o escopo do trabalho. Entretanto, vale remeter a ele para uma comparação com o anúncio

analisado e, talvez, uma sinalização de pontos similares com o racismo brasileiro. Uma breve análise da Saliência neste anúncio (o corpo nu do menino negro, sem camisa, e com a bandeira britânica no rosto, em substituição a bandeiras de times de futebol, pintadas nos rostos dos meninos brancos) parece conduzir a uma estratégia, se não de objetificação, de exposição do corpo negro. Pode-se inferir, deste anúncio e daquele aqui analisado, que parece ter havido uma estratégia de diferenciação das etnias negras, africana e asiática, focada no corpo, seja para marcá-lo, expô-lo ou encobri-lo. Tal inferência incentiva um estudo comparativo, a ser feita em outro momento, com o discurso de estetização da raça no Brasil (Magalhães 2004, 2006), por meio da elegia da cor do corpo negro, em anúncios cujo tema seja a questão racial. O corpo parece ser uma forma recorrente de inclusão de etnias negras nos contextos multiculturais. Ou pode-se ainda dizer que a inscrição no e do corpo negro nesses contextos parece ser uma marca identitária. Encerro com uma citação longa de Dionne Brand<sup>6</sup> (2002: 35-36), escritora e teórica do multiculturalismo canadense, mas adequada para as reflexões aqui elaboradas e para reflexões futuras sobre representações visuais do corpo negro em contextos multiculturais:

O corpo negro é um espaço domesticado e, ao mesmo tempo, um espaço selvagem. É domesticado no sentido que há características definidas atribuídas ao corpo que têm o efeito de familiarizar as pessoas com ele – tornando-o um tipo de senso comum ou conhecimento irrefutável. É um espaço selvagem no sentido que é um signo de transgressão, oposição, resistência e desejo. O corpo negro é codificado culturalmente como proeza física, fantasia sexual, transgressão moral, violência, talento musical mágico. Essas atribuições estão facilmente à mão para uso diário. Como estão à mão uma ferramenta ou instrumento que seriam usados para executar uma necessidade ou vontade.

### **Referências bibliográficas**

Assis, R. C. & C. Magalhães. 2006. A África e os africanos em Heart of Darkness (Coração das Trevas). *Proceedings 33rd International Systemic Functional Congress* [http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/19sd\\_assis\\_404a427.pdf](http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/19sd_assis_404a427.pdf)

---

<sup>6</sup> Agradeço à colega Sandra Almeida, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG, e estudiosa do multiculturalismo canadense, a menção da referência e o empréstimo da obra citada de Dionne Brand.

- Assis, R. C. 2009. *A representação de europeus e africanos como atores sociais em Heart of Darkness (O coração das trevas) e em suas traduções para o português: uma abordagem textual da tradução*. Belo Horizonte: UFMG. (Tese de doutorado)
- Berger, P. *Ways of seeing*. 1972. Harmondsworth, England: Penguin.
- Brand, D. 2002. *A map to the door of no return: notes to belonging*. Toronto: Vintage Canada.
- Caetano, P. H. 2007. *A palavra-chave racismo e suas relações lexicais: uma análise crítica dos discursos sobre relações raciais brasileiras em corpus de jornal impresso*. Belo Horizonte: UFMG. (Tese de doutorado)
- Fernandes, A. B. P. 2009. *Black into White and Preto no Branco: can you tell one's colour by the company it keeps?*. Florianópolis: UFSC. (Dissertação de mestrado)
- Jewitt, C. & R. Oyama. 2001. Visual meaning: a Social Semiotic approach. In: T. van Leeuwen & C. Jewitt. *Handbook of visual analysis*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications.
- Kress, G., R. Leite-Garcia & T. van Leeuwen. 1997. Discourse Semiotics. In: T. van Dijk. *Discourse as structure and process*. London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage Publications.
- Kress, G. & T. van Leeuwen. 1996/2001. *Reading images: The grammar of visual design*. London; New York: Routledge.
- \_\_\_\_\_. 2001. *Multimodal discourse: The modes and media of contemporary communication*. London: Arnold.
- \_\_\_\_\_. 2002. Colour as a semiotic mode: notes towards a grammar of colour. *Visual Communication*. 1/3: 343-369.
- Krishnamurthy, R. 1996. Ethnic, racial and tribal: The language of racism? In: C. R. Caldas-Coulthard & M. Coulthard. Eds.. *Texts and practices: Readings in critical discourse analysis*. London; New York: Routledge.
- Mackin, D. 2007. *Introduction to Multimodal Analysis*. London: Hodder Arnold.
- Magalhães, C. 2004. Interdiscursividade e conflito entre discursos sobre raça em reportagens brasileiras. *Linguagem em (Dis)Curso*. 4/Especial: 35-60.
- \_\_\_\_\_, C. 2006. A critical discourse analysis approach to news discourses on race in Brazil. *D.E.L.T.A.* 2/2: 275-301.
- \_\_\_\_\_, C. 2007. Discurso e raça. In: C. R. Caldas-Coulthard & L. Scliar-Cabral. Orgs.. *Desvendando discursos: conceitos básicos*. Florianópolis: Editora da UFSC.

\_\_\_\_\_ & R. C. Assis. No prelo. Representação de atores sociais em corpus paralelo: *Heart of Darkness* e suas traduções para o português. In: Cohen, M. A. & G. M. P. Lara. Orgs.. *Linguística, tradução, discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

\_\_\_\_\_ & A. Novodvorski. No prelo. A semiótica visual e a questão da identidade racial: uma leitura sistêmico-funcional em duas capas de literatura infanto-juvenil brasileira. In: E. Ghio & M. A. Fernandez. Orgs.. *Estudios de LSF en lengua española y lengua portuguesa - Colección Ciencia y Técnica*. Santa Fé - Argentina: Centro de Publicaciones, UNL.

O'Toole, M. 1994. *The language of displayed art*. Rutherford, Madison, Teaneck: Fairleigh Dickinson University Press.

Pinheiro; V. S & C. Magalhães. 2006. A representação de atores sociais em capas da Revista Raça Brasil. *Proceedings 33rd International Systemic Functional Congress* [http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/23id\\_pinheiro\\_m\\_489a513.pdf](http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/23id_pinheiro_m_489a513.pdf)

Pinheiro, V. S. 2007. *Analizando significados de capas da Revista Raça Brasil: Um estudo de caso à luz da semiótica social*. Belo Horizonte: UFMG. (Dissertação de mestrado).

van Leeuwen, T. 1996. The representation of social actors. In: C. R. Caldas-Coulthard & M. Coulthard. Eds.. *Texts and practices: Readings in critical discourse analysis*. London; New York: Routledge.

\_\_\_\_\_. 2000. Visual racism. In: M. Reisigl & R. Wodak. Eds.. *The semiotics of racism: Approaches in critical discourse analysis*. Vienna: Passagen Verlag.

\_\_\_\_\_. 2005. *Introducing social semiotics*. London; New York: Routledge.

\_\_\_\_\_. 2006. Towards a semiotics of typography. *Information Design Journal*. 14/2: 139-155.

\_\_\_\_\_. 2008. *Discourse and practice: New tools for critical discourse analysis*. Oxford: Oxford University Press.

\_\_\_\_\_ & C. Jewitt. 2001. *Handbook of visual analysis*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications.